

EDITH STEIN

FRANCESCO SALVARANI

Edith Stein

FILHA DE ISRAEL,
DA IGREJA
E DO CARMELO

Tradução:
Hugo Langone



QUADRANTE

Título original
EDITH STEIN
La grande figlia d'Israele, della Chiesa, del Carmelo

Copyright © Edizioni Ares Milano
All rights reserved
www.edizioniaries.it

Capa
Gabriela Haeitmann

Projeto gráfico de miolo
Karine Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Salvarani, Francesco

Edith Stein — filha de Israel, da Igreja e do Carmelo / Francesco Salvarani; tradução de Hugo Langone — 1ª ed. — São Paulo: Quadrante Editora, 2026.

ISBN: 978-85-7465-912-1

1. Carmelitas (Freiras) 2. Filósofos – Alemanha – Biografia 3. Stein, Edith, 1891-1942 I. Título.

CDD- 271.97102

Índices para catálogo sistemático:

1. Carmelitas : Freiras : Biografia e obra 271.97102

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

Prefácio, por Anna Maria Sciacca	9
----------------------------------	---

Primeira parte **QUEM ERA EDITH STEIN**

1. A família de Edith Stein	15
2. A menina cresce	23
3. A aluna brilhante e conscienciosa	33
4. A crise da adolescência	39
5. A retomada da escola	49
6. Interesses, lazeres e amizades nos anos do liceu	55

Segunda parte **A JUVENTUDE PRODUTIVA**

1. Na universidade de Breslávia	65
2. Balanços e inseguranças	81
3. O novo destino: Göttingen	87
4. Os encontros de Göttingen	97
5. Göttingen, a “sua” universidade	109

6. “O grande programa de trabalho”	117
7. Vicissitudes na Breslávia retorno a Göttingen	127
8. A guerra e a espera para entrar na Cruz Vermelha	135
9. Sempre à espera: o exame de Estado	139
10. Na Cruz Vermelha	147
11. Entre doentes, médicos, enfermeiras e auxiliares	157
12. Transferência para outro setor	165
13. Vestígios de uma experiência e novas esperas	175

Terceira parte

O FERMENTO DA PESQUISA

1. O trabalho da tese	181
2. O exame de doutorado	195
3. Assistente de Husserl	207
4. Acontecimentos durante o período como assistente	213
5. A atividade de pesquisa e o desligamento de Husserl	223
6. Pela pátria humilhada	229
7. Outro caminho rumo à verdade	241
8. Tentativas de habilitação para a livre-docência	249
9. Vicissitudes de 1920–1921	255
10. Estadias em Bergzabern	265
11. O pranto da mãe: o Batismo	271
11. O início de outras esperas	281

Quarta parte

A PROFESSORA E A CONFERENCISTA

1. Professora em Spira	289
2. A atividade de conferencista	307

3. Depois de Spira	321
4. A docência em Münster	331

Quinta parte **RUMO AO CARMELO**

1. Em Münster, as contas não fecham	343
2. A carta selada	353
3. A grande resolução	363
4. O último retorno à Breslávia	373
5. O desprendimento	381

Sexta parte **“NO PORTO DA VONTADE DE DEUS”**

1. Além do limiar	395
2. A investidura	401
3. A noviça	407
4. Os votos simples e o retorno da atividade filosófica	417
5. A morte da mãe. “A oração da Igreja”	425
6. A irmã Rose	439
7. Firme defesa da vocação religiosa	443

Sétima parte **O CALVÁRIO SEM SEPULCRO**

1. Os votos perpétuos e a morte de Husserl	451
2. Dispersão da família. Êxodo da irmã Benedita	459
3. Irmã Benedita no Carmelo de Echt	469
4. “Eu sou uma pequena Ester...”. As vicissitudes de Rose	483
5. Nas pegadas dos grandes santos carmelitas	489

6. “Vias do conhecimento de Deus”	495
7. Rumo ao quarto centenário do nascimento de São João da Cruz	501
8. Os últimos meses: o ano de 1942	509
“Em viagem rumo ao oriente”	549

**POSFÁCIO,
POR ANGELA ALES BELLO**

A pessoa, as relações interpessoais, o caminho rumo a Deus	559
Bibliografia utilizada	605
Bibliografia para um convite à leitura	615
Índice onomástico	625

Prefácio, por Anna Maria Sciacca

Em 1999, o papa João Paulo II proclamou patronas da Europa, ao lado dos santos Bento, Cirilo e Metódio, três figuras femininas: as santas Brígida, Catarina de Sena e Teresa Benedita da Cruz. Cada uma delas atuou em um tempo e em um lugar diferentes, mas todas numa única direção: a realização da mensagem salvífica de Cristo, que constitui a alma mais íntima e as raízes mais sólidas da Europa.

Teresa Benedita da Cruz, no século Edith Stein, é a mais “jovem” entre os santos patronos, tanto pela idade cronológica quanto pelo reconhecimento de sua santidade, o qual se deu em 1998, por obra de João Paulo II, que a definiu como “a grande filha de Israel, da Igreja, do Carmelo”.

O papa polonês insistiu veementemente na necessidade de reconstruir a “gramática” da convivência civil, no intuito de devolver ao homem aquela centralidade na vida social e política que os acontecimentos históricos do século XX haviam substituído por ideologias e instrumentalizações contrárias à livre expressão da dignidade e da sacralidade humana, tais quais traduzidas em sua especificidade masculina e feminina.

Foi o próprio João Paulo II, no discurso proferido à Assembleia Geral da ONU, em 1995, quem falou numa “gramática” como elemento normativo para as relações humanas, fundada em axiomas imprescindíveis.

E ainda, no discurso pronunciado em Berlim, definiu esses axiomas em fórmulas sintéticas e cogentes para a responsabilidade pessoal: “Não há liberdade sem verdade. Não há liberdade sem solidariedade. Não há liberdade sem sacrifício.”

Esses postulados adaptam-se perfeitamente à figura de Edith Stein, a quem o próprio João Paulo II deu destaque tanto como estudiosa quanto como testemunha de um caminho difícil, mas imparável, rumo à verdade, o qual se manifestou também na solidariedade para com a pessoa humana até o sacrifício de si pela salvação de todos os homens.

Que relação liga Edith Stein a santa Teresa Benedita da Cruz? Ou melhor, como a estudiosa de filosofia de origem judaica, mas por longo tempo alheia a qualquer credo religioso, chegou primeiro à iluminação da fé e, depois, à vocação ao Carmelo, vivida com espírito de total abandono à vontade de Deus?

Sobre essa moderna figura de santa, vastíssima é a bibliografia, que analisa tanto a sua produção filosófica quanto a sua experiência de vida. Num contexto de estudos tão variado e tão rico, insere-se a biografia de Francesco Salvarani, que estudou com amor, paciência e ampla documentação a atividade e a personalidade de Edith Stein, narrando-lhe a vida com comovida participação.

Trata-se, portanto, de uma biografia que acompanha as etapas marcantes da vida de Edith e as torna vivas por meio das próprias palavras de Stein, extraídas de *Da vida de uma família judia* e de muitas de suas cartas.

Desse diário de recordações, essa biografia realiza uma seleção bem orientada e a recolocação dos episódios — às vezes até marginais,

poder-se-ia dizer, mas sempre emblematicamente significativos das qualidades de Edith: a curiosidade intelectual, a determinação nas escolhas e a tenacidade na busca dos objetivos, acompanhadas de sua delicadeza de alma, de sua sensibilidade incomum, de seu afeto e de sua dedicação.

Dessa abordagem surge a imagem de uma mulher forte e corajosa, mas ao mesmo tempo rica de humanidade em si e para os outros.

Permanecem gravadas na memória de quem lê a minúcia da menina, definida pelas irmãs como “o livro dos sete selos”; a segurança da estudante sinceramente interessada no conhecimento, mas às vezes um pouco presunçosa; a fragilidade da jovem em suas crises interiores; a tenacidade da mulher na denúncia das injustiças e na defesa dos direitos; a dedicação da enfermeira da Cruz Vermelha; a competência da professora; o tormento silencioso da busca da verdade; a alegria puríssima da fé adquirida; o drama do sofrimento pela mãe; a operosidade na clausura; a trágica dignidade dos dias de prisão; o silêncio da “sétima sala”, em Auschwitz.

A narração dos acontecimentos avança em tom sóbrio, essencial, sem adornos retóricos, porque são os próprios fatos que transmitem as emoções. A expressão, contudo, nos momentos de maior intensidade, torna-se mais comovida e participativa, vibrante de sincera adesão, quando se detém nos sentimentos mais profundos e dilacerantes de Edith.

A veracidade da narração biográfica é testemunhada pela referência contínua ao epistolário remanescente, aos escritos autobiográficos, às obras filosóficas e religiosas de Stein: as numerosas citações integram-se perfeitamente ao discurso narrativo, constituindo-lhe documentação e comentário.

A insistência na referência textual de cada citação não deve ser entendida como pedantismo, mas como garantia de aderência aos fatos em seu real acontecimento: trata-se, portanto, de uma biografia verídica, não romanceada.

Nessa perspectiva justifica-se também a enumeração da bibliografia ao final do texto: as obras consultadas pelo autor são dispostas em ordem alfabética de abreviação, para facilitar sua localização, e também são citadas por extenso em nota de rodapé quando indicadas pela primeira vez.

As notas de rodapé, além disso, contêm, quando necessário, breves esclarecimentos sobre o que é apresentado na narração, cujo ritmo não se quis interromper com aquelas digressões de caráter histórico, geográfico ou informativo que, em alguns casos, teriam prejudicado a leitura do texto.

Anna Maria Sciacca

Primeira parte

QUEM ERA EDITH STEIN

A família de Edith Stein

Os pais de Edith provinham da Alta Silésia:¹ de Gleiwitz o pai, Siegfried, que trabalhava em uma loja de madeira, e de Lublinitz a mãe, Auguste Courant, a quarta de quinze irmãos e irmãs, “acostumada a trabalhar incansavelmente desde a primeira juventude”.²

Auguste, já aos “seis anos”, trabalhava tricotando, disputando com a irmã Selma, um ano mais nova do que ela.

“Minha mãe”, conta Edith, “tinha nove anos quando conheceu meu pai” (*Vida*, p. 40). Tratou-se de um encontro ocasional com a

1 A Silésia é uma região histórica da Europa Central: da Idade Média em diante, suas vicissitudes entrelaçaram-se, política e culturalmente, com as da Morávia, da Boêmia e da Polônia. Em decorrência das Guerras de Sucessão, no século XVIII, foi incorporada à Prússia, tornando-se, após a unificação da Alemanha, um dos maiores centros mineradores germânicos, com população predominantemente alemã. Com efeito, os pais de Edith Stein sempre se consideraram alemães. Em 1945, com a Conferência de Potsdam, a Silésia passou a integrar a administração polonesa.

2 As citações são extraídas de Edith Stein, *Dalla vita di una famiglia ebrea ed altri scritti autobiografici*, em tradução italiana de Barbara Venturi e edição organizada por Angela Ales Bello e Marco Paolinelli (Città Nuova, Roma, 2007), p. 39. A edição, doravante, será indicada entre parênteses com a sigla *Vida* e a página de referência.

família Courant por motivos de trabalho, quando Siegfried, talvez acompanhando o pai, não tinha mais de dez anos. Mas Siegfried deve ter ficado tão impressionado com as qualidades nada comuns daquela juvenzinha e com sua marcada iniciativa que continuou a manter-se “em contato epistolar com as suas irmãs”, até que, passados vários anos, as alusões ao noivado com Auguste se tornaram cada vez mais explícitas, com o grato consentimento dela e de ambas as famílias.

À parte as referências às profundas convicções religiosas do pai de Edith e à sua dedicação ao trabalho desde tenra idade, nada sabemos de sua formação e das escolas que frequentou: embora Gleiwitz não carecesse delas, é de supor que nunca tenha chegado às que correspondem ao nosso ensino médio, mas ainda assim tenha frequentado os cursos de língua hebraica aos quais as famílias davam especial importância para as leituras bíblicas e para as liturgias sinagogaes.

Há, ao contrário, diversas informações sobre a família e a educação de Auguste Courant, as quais Edith, a mais jovem entre os filhos, cuidou de registrar a partir daquilo que ela própria havia conhecido da mãe.

Sabemos, assim, que o pai de Auguste, Salomon Courant, nasceu no ano de 1815 em Peiskretscham, na Alta Silésia, e que sua família, de sobrenome francês, provavelmente se originara numa localidade próxima à fronteira com a França.

Ali Salomon havia iniciado o ofício de “saboeiro” e fabricante de velas, abrindo sua respectiva loja. E foi “durante uma de suas viagens” que conheceu aquela que, em 1842, se tornaria sua esposa: a avó de Edith, habitante de Poznam, cidade prussiana desde 1793. Prussianos eram, portanto, os avós e bisavós de Edith, tanto paternos quanto maternos, e todos provinham de famílias de estrita

observância judaica; o avô de Auguste, Joseph Burchard, exercera por muitos anos a atividade de cantor e guia da oração na sinagoga, e, quando teve de deixar o cargo, “abriu uma fábrica de produção de algodão” (*Vida*, p. 28).

“Em sua casa”, refere Edith com base no relato da mãe, “havia uma grande sala em que, por ocasião das festas solenes, todos os maridos das filhas se reuniam para fazer as orações [...]. Todos os seus netos deviam ir até ele para aprender a rezar. Repreendia com frequência, mas nunca batia, e nenhuma criança saía de casa sem antes ter recebido algum presente” (*Vida*, p. 28).

E ainda, a propósito de Ernestine, esposa de Joseph, Edith conta: “Todas as vezes que a minha bisavó fazia café”, naquela época um bem realmente precioso, “separava alguns grãos e ia juntando assim durante toda a semana. Na sexta-feira, os grãos recolhidos eram doados a uma mulher pobre. Todas as roupas usadas, dela e das filhas casadas, eram cuidadosamente remendadas para serem dadas aos pobres. Nesses trabalhos de costura também as netinhas deviam tornar-se úteis. A avó reunia-as ao seu redor e, alternando-as no trabalho, controlava que tudo fosse executado com a maior precisão. Aos seis anos, as meninas deviam costurar as barras das roupas” (*Vida*, p. 29).

Entre as netinhas estava a pequena Auguste, a mãe de Edith. Seus pais, recém-casados, haviam aberto, com muita coragem e esforço, “uma pequena venda de gêneros coloniais” que depois “se consolidou graças ao zelo e à habilidade de ambos” (*Vida*, p. 30).

Sabemos por Edith que todas as filhas da família Courant começaram a trabalhar aos quatro anos, “ajudando os pais na loja”, e que a pequena Auguste, em vez de frequentar a escola primária pública como os irmãos mais velhos, foi enviada aos cinco anos “a uma escola primária católica”, antes que o pai Salomon, quando já podia permitir-se, fundasse “uma escola particular para seus quatro filhos maiores e para as crianças de outras três famílias judaicas” (*Vida*, p. 31).

Os pais de Auguste valorizavam a escola pelas perspectivas que podia oferecer. Mas as grandes perspectivas eram reservadas aos filhos homens. Apenas eles frequentaram o liceu, e alguns também a universidade, hospedando-se em casas de famílias conhecidas. “Cinco deles”, conta Edith, “tornaram-se comerciantes, e os outros dois se formaram, um em farmácia e o outro em química” (*Vida*, p. 31).

As filhas, ao contrário, apenas excepcionalmente continuavam os estudos depois de certa idade, e Auguste não foi exceção: teve de abandonar a escola aos doze anos, embora continuasse “a ter aulas particulares de francês e alemão” (*Vida*, p. 31), além de música e dança.

“Minha mãe, quando pequena, aprendera a tocar um pouco de piano; mais tarde não teve mais tempo para fazê-lo, mas ainda hoje sabe tocar de memória alguns acordes da valsa de Strauss *Wein, Weib, Gesang*. Ainda no seu septuagésimo aniversário dançou a valsa com o neto mais velho, e no ano seguinte com o noivo no casamento de minha irmã Erna” (*Vida*, p. 40).

Na escola estudava-se religião e, também, um pouco de hebraico — o bíblico, mas os Salmos a serem decorados eram em tradução alemã. A verdadeira escola de religião, portanto, era mantida pelos pais: foram eles que ensinaram aos filhos “as orações prescritas”, o respeito pelas outras religiões e, sobretudo, a observância em família do sábado como dia do Senhor. “No sábado à tarde, ambos os pais chamavam os filhos que estavam em casa para rezar juntos as orações das vésperas e da noite e explicá-las” (*Vida*, pp. 31–32).

Se Auguste é considerada “uma verdadeira mulher bíblica”³ por sua fé límpida e por sua força de ânimo, deve-o em grande parte ao ensinamento familiar, do qual Deus se serviu para formar a sua alma.

3 Irmã Teresía a Matre Dei, *Edith Stein*, trad. italiana de Raniero Cantalamessa (Vita e Pensiero, Milão, 1971), p. 8. A edição, doravante, será indicada entre parênteses com a sigla *Tê* e a página de referência.

Tinha 21 anos e alguns meses quando, em 1871, se uniu em matrimônio com Siegfried Stein, então com 23.

Siegfried levou a esposa para Gleiwitz, onde trabalhava em uma empresa madeireira pertencente à sua mãe, Johanna Stein, nascida Cohn.

Tratava-se de uma mulher que havia educado os filhos com muita severidade, a ponto de nenhum deles ousar contradizê-la. Contudo, Auguste recordava não apenas essa severidade, mas também a sua inegável doçura. Edith relata que sua mãe era por ela “tida em grande consideração” e que foi a primeira a ousar exprimir uma opinião “diversa” da dela e ser ouvida (*Vida*, p. 41).

Todavia, Johanna Stein não era uma “mulher de negócios”, como viria a ser a mãe de Edith. Confiava em “um administrador que a enganava”, e ninguém conseguiu convencê-la de que sua confiança era indevida. Edith conta: “Isso enfim levou meus pais a dissolverem o vínculo comercial e a deixar Gleiwitz. Dirigiram-se, então, à cidade de minha mãe, onde, com o apoio dos pais dela, pretendiam iniciar um negócio próprio” (*Vida*, p. 41).

Haviam passado anos em Gleiwitz, e a família que se transferiu para Lublinitz — cerca de sessenta quilômetros mais ao norte — já era bastante numerosa: haviam nascido seis filhos, mas uma, a pequena Hedwig, morrera de escarlatina já crescida. Outros dois haviam morrido muito pequenos, e também Paul, o primogênito, nascido um ano após o casamento, igualmente atingido pela escarlatina, saíra muito debilitado, ficando marcado por toda a vida. “Era uma criança belíssima, viva e dotada de grandes qualidades. Mais tarde tornou-se uma pessoa silenciosa, fechada e tímida, que nunca conseguiu pôr em evidência a si mesma e as próprias capacidades” (*Vida*, p. 42).

A família que se transferiu para Lublinitz, portanto, era composta de cinco pessoas: os dois pais e três irmãos de Edith, Paul, Else e Arno.

As perspectivas em Lublinitz pareceram, a princípio, boas. Os Stein haviam se instalado na bela casa dos avós, bem conhecida da mãe de Edith, provida de um “grande jardim” que em boa parte logo seria transformado em horta. A engenhosa Auguste faria dele um centro não secundário de sua atividade cotidiana, contribuindo para o sustento da família sem nunca se esquecer dos pobres.

“Ainda hoje”, escreverá Edith sobre a mãe octogenária, “é para minha mãe uma grandíssima alegria semear, colher e dar aos outros partes abundantes da colheita. Desse modo ela se mantém fiel ao antigo costume judaico segundo o qual as primícias de todo tipo não se comem, mas se dão de presente” (*Vida*, p. 43).

Trabalhar por conta própria não era coisa fácil: para iniciar uma atividade comercial como a da madeira em um lugar onde já existiam outras bem consolidadas, eram necessários meios de que a família Stein não dispunha.

Os auxílios, porém, não faltaram: os pais de Auguste não pouparam o apoio necessário, sempre prontos a intervir para que a empresa se iniciasse segundo os desejos e as previsões. De fato, os começos foram promissores, mas depois as dificuldades aumentaram, “o volume dos negócios sofreu uma forte contração e a atividade empresarial entrou em crise”.⁴

Talvez aquele não fosse o lugar adequado para uma empresa desse tipo. Por outro lado, Siegfried Stein, criado com uma mãe que “não era mulher de negócios”, sempre trabalhara no comércio de madeira

4 Elio Costantini, *Edith Stein – Profilo di una vita vissuta nella ricerca della verità* (Libreria Editrice Vaticana, Roma, 1998), p. 20. A edição, doravante, será indicada entre parênteses com a sigla *El* e a página de referência.

e provavelmente não se sentia inclinado a empreender uma atividade de outro gênero.

Durante aqueles anos nasceram mais quatro crianças: uma, o pequeno Ernst, o único menino nascido em Lublinitz, foi tirado já crescido do afeto dos pais. As três irmãs chamavam-se Frieda, Rose e Erna.

Edith, conhecendo bem o temperamento da mãe e o seu marcado senso de independência econômica, escreve assim sobre aquele período: “Os anos de Lublinitz foram uma luta constante contra as necessidades materiais. Para a minha orgulhosa mãe deve ter sido certamente uma grande humilhação ser obrigada a recorrer continuamente à ajuda de seus pais” (*Vida*, p. 42).

A crise pareceu irreversível e, “para evitar a bancarrota, os cônjuges Stein viram-se obrigados a ceder a empresa e a transferir-se para Breslávia” (*El*, p. 20), distante de Lublinitz cerca de cem quilômetros.

Edith nos informa que a mudança ocorreu, além das dificuldades em “fazer progressos nos negócios”, “também por causa das crianças, que de outro modo teriam de ir para outra cidade a fim de frequentar as escolas superiores” (*Vida*, p. 43).

Na Breslávia as oportunidades teriam aumentado consideravelmente, e é de supor que a intenção deles, mais em razão dos limites das possibilidades financeiras do que dos preconceitos sociais, incluísse também as filhas.

Quando se deu a mudança, Erna, a última nascida em Lublinitz, tinha apenas “seis semanas”. Era o período pascal de 1890, e a família estabeleceu-se “em um pequeno apartamento alugado na Kohlenstraße”, a modestíssima casinha onde Edith nasceria no ano seguinte (*Vida*, p. 43).

Alugaram também um depósito próximo e, com o pouco que possuíam, obtido da venda de Lublinitz e recorrendo a empréstimos, abriram “uma nova loja de madeira”, uma nova empresa comercial.

Muitas foram as dificuldades iniciais e muitas as que se seguiram, devido às dívidas que continuavam a pesar sobre o empreendimento. Contudo, ele já começava a oferecer alguma margem de lucro e as dívidas, a diminuir, quando veio ao mundo Edith Stein, a última da família: era 12 de outubro de 1891. Naquele ano, segundo o calendário judaico, caía a festa da Expição.

Edith jamais o esqueceria: “Minha mãe sempre considerou esse dia como o meu verdadeiro aniversário, ainda que o dia dos cumprimentos e dos presentes fosse 12 de outubro. Ela própria celebrava o seu aniversário segundo o calendário judaico, no dia da festa dos Tabernáculos [...]. Sempre atribuiu grande valor a esse fato, e creio que isso contribuiu mais do que qualquer outra coisa para torná-la particularmente querida da filha caçula” (*Vida*, p. 81).

O significado da festa judaica da Expição é assim definido por Edith, segundo o texto bíblico: era “o dia em que outrora o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos e oferecia o sacrifício da Expição por si e por todo o povo, depois que o ‘bode expiatório’, sobre o qual haviam sido colocados todos os pecados do povo, fora levado para o deserto” (*Vida*, p. 80).

2.

A menina cresce

Para a menina não havia problemas: era frágil, mas saudável. Colocada no centro da atenção geral, como frequentemente acontece com os caçulas, constituía o coração da família, aliás muito unida na variedade e na diversidade de temperamentos.

Também a empresa, à parte os pequenos sobressaltos decorrentes do andamento irregular do comércio, parecia encaminhar-se para certa estabilidade, e as dívidas iam sendo lentamente amortizadas: os filhos cresciam bem e sem exigências excessivas, habituados como estavam à parcimônia.

Essa era a situação quando a família foi atingida de repente por um grave luto: a morte do pai, no auge de suas energias, aos 45 anos. Deu-se em julho de 1893. Edith tinha um ano e nove meses, pequena demais para se lembrar de certos pormenores que, no entanto, permaneceram indeléveis no coração de sua mãe. Assim ela conta: “Minha mãe me tinha nos braços quando ele nos deu adeus para empreender a viagem da qual não retornaria vivo, e eu o chamei ainda uma vez, quando ele já tinha se voltado para ir embora” (*Vida*, p. 81).

Mas o que havia acontecido naquele triste e ensolarado dia de julho? Eis o que Edith nos relata:

Meu pai morreu de insolação durante uma viagem de negócios. Devia examinar um bosque em um dia quente de julho e teve de percorrer um longo trecho a pé. Um carteiro que percorria o campo viu de longe que ele estava estendido, mas pensou que estivesse ali para descansar e não se preocupou. Somente quando, algumas horas depois, no caminho de volta, o viu ainda no mesmo lugar, aproximou-se e o encontrou morto” (*Vida*, p. 44).

Os funerais realizaram-se do modo habitual, segundo os ritos e costumes judaicos, e não faltaram aquelas reuniões de família que, em casos semelhantes, a solidariedade comum tornava particularmente oportunas. Deixemos a palavra com Edith: “Ao funeral de meu pai vieram os parentes, que aconselharam-se entre si sobre o que minha mãe deveria fazer com seus sete filhos sem qualquer meio de subsistência: vender, naturalmente, a loja onerada de dívidas, talvez alugar um apartamento maior e alugar quartos mobiliados; do que faltasse cuidariam os irmãos. Minha mãe permaneceu em silêncio e lançou apenas um olhar eloquente à filha mais velha, que então tinha 17 anos. Sua decisão estava tomada: queria se virar sozinha e não aceitar ajuda de ninguém. Queria manter a loja e levá-la adiante. É certo que ainda não entendia muito do comércio de madeira, pois os muitos filhos e a casa tinham absorvido todo o seu tempo. Era, porém, afinal, filha de um comerciante...” (*Vida*, p. 45).

O único centro de gravidade da família era agora essa “mulher bíblica”, com sua coragem e sua energia. A situação era dramática, mas não desesperadora para quem sempre confiara em Deus. Tratava-se do pão cotidiano de seus filhos e do futuro deles. Somente Paul e Else poderiam ser de alguma valia: ele com 21 anos; ela, com 17. Quanto aos outros, que contribuição prática reservar, se iam dos 14 anos de Arno aos 21 meses de Edith? Sim: “eloquente”, e quase suplicante, foi aquele olhar da mãe dirigido a Else durante a reunião familiar. A ela

confiaria a tarefa de substituí-la durante as longas horas do dia que passaria no trabalho fora de casa.

Edith, valendo-se da experiência posterior, pode aqui antecipar as capacidades de sua mãe que a tornariam uma mulher de negócios experiente, sem perder nada em humanidade — antes, afinando-a no contato com clientes e operários, e sobretudo com os seus problemas.

Tinha por natureza um dom particular nesse sentido: sabia fazer cálculos de modo excelente, sabia intuir os negócios, tinha coragem e determinação para aproveitar a ocasião no momento certo, e no entanto era bastante prudente para não arriscar demais; sobretudo possuía, em grau elevadíssimo, o dom de saber lidar com as pessoas.

Ela se apropriou rapidamente dos conhecimentos técnicos e do procedimento particular dos cálculos no comércio de madeira. E, pouco a pouco, passo a passo, conseguiu firmar-se. [...] Nós nunca passamos fome... (*Vida*, p. 45).

As dívidas e os filhos: eis a grande tarefa após a morte do marido, e duplo foi o critério para enfrentá-la: trabalho e confiança em Deus. Os resultados não tardaram: as dívidas, pouco a pouco, foram “todas extintas, até o último centavo”. Mas e os filhos?

Else, a irmã mais velha, que “queria tornar-se professora”, o único caminho para uma instrução superior que então se oferecia às moças, “teve de ocupar-se da economia doméstica e dos irmãos mais novos, até que as irmãs mais jovens fossem suficientemente grandes para assumir esses deveres” (*Vida*, p. 47). Sustentaria, de fato, o exame de habilitação para o magistério quando a irmã mais nova tivesse alcançado os seis anos.

Edith fala da “grande firmeza” com que a irmã governava a casa e da “extrema parcimônia” à qual procurava habituar os irmãos. A exceção era, naturalmente, a pequena Edith, acostumada a “mimos e carinhos”. E dessa exceção, com precocidade digna de nota, ela se orgulhava, confessando que nutria por isso “um grande amor” por sua “bela irmã”.

A distinção reservada à caçula não impedia Else de recorrer a alguma breve punição quando ela fazia manha. Afetuosa Edith era, e muito, mas também manhosa, e a irmã via-se às vezes obrigada a infligir-lhe algum castigo, o mais penoso dos quais era trancá-la por algum tempo em um quarto escuro. Não faltavam então, como era natural, os acessos de ira da menina, o bater à porta com os punhos cerrados e o gritar forte, de modo que logo era preciso libertá-la para não incomodar os vizinhos.

E não havia apenas essa manifestação de temperamento. Aquela vaidade que já sentia por ser a mais mimada da família começou cedo a transformar-se na presunção infantil da sabichona. Ela ouvia relatos e leituras atentamente e guardava tudo na memória, que já então se mostrava além da média. Depois servia-se disso para tecer suas conversas, suas pequenas discussões, para formular respostas demasiado ajuizadas para a idade e para precisar ou sugerir, quando necessário, aquilo de que os familiares já não lembravam ou lembravam mal.

Referindo-se à diversidade entre ela e a irmã Erna, pouco mais de um ano e meio mais velha, escreverá: “Pela aparência exterior todos pensavam que Erna fosse muito mais velha do que eu, mas assim que eu começava a falar as pessoas se admiravam da presunção de que era capaz a pequena” (*Vida*, p. 69).

A vigiar o andamento geral da família estava sempre a mãe. Obrigada a permanecer fora de casa a maior parte do dia, viam-na voltar para o almoço e depois, à noite, para retomar a condução da família; às vezes, regressava também durante o dia, para resolver algum problema familiar. E depois havia os dias de descanso, as

comemorações de aniversário e as festas judaicas, ocasiões preciosas para enfim estar juntos por mais tempo e talvez permitir-se algum passeiozinho fora da cidade.

O trabalho que a senhora Stein estava realizando não era de pouca monta: restabelecer “pessoalmente as relações comerciais do marido”, empreender “numerosas viagens por toda a Silésia e pelos Bálcãs”, dirigir “a compra e o corte das florestas”, aprender rapidamente, como depois o fez, a avaliar “com um só olhar o rendimento de uma propriedade florestal”...⁵ A isso se somem as diversas mudanças que a família teve de fazer nesses primeiros anos, da Kohlenstraße para a Scheswerderstraße e, pouco depois, para a Jägerstraße, onde a pequena Edith comemorou seu terceiro aniversário, o primeiro de que conservou memória.

Não conhecemos os motivos das mudanças, mas eles podem ser facilmente intuídos: um apartamento, por assim dizer, mais adequado à numerosa família e um aluguel mais conveniente. Sabemos, porém, que passariam muitos anos — cerca de quinze — antes que a família encontrasse uma acomodação adequada na Michaelisstraße, 38. Vale a pena citar o testemunho que a filha Erna dá sobre a mãe: a carta é de 1952, de Nova York, para onde ela se refugiara com a família por causa do nazismo e onde exercia a profissão de médica. “Se mamãe conseguiu superar a provação, foi graças à sua extraordinária energia, à sua inteligência vivíssima, ao ardor alegre de seu trabalho, mas sobretudo à sua confiança em Deus e ao senso de responsabilidade para com os próprios filhos [...]. Mas os anos de penúria foram longos. Só começamos a levar uma vida mais confortável em 1910, quando fomos morar na casa Michaelisstraße...” (Mi, pp. 18–19).

5 Elisabeth de Miribel, *Edith Stein, dall'università al lager di Auschwitz*, trad. italiana de Gabriella Fiori (Edizioni Paoline, Milão, 1990), p. 19. A edição, doravante, será indicada entre parênteses com a sigla *Mi* e a página de referência.

A presença da mãe era insubstituível, e notável era o prestígio exercido sobre os filhos. No entanto, à luz do que aconteceria depois, cabe perguntar como foi possível que os filhos tenham entrado em crise e quase todos abandonado a fé no Deus de Israel. Uma motivação pode ser sugerida por este trecho da mesma carta de Erna: “A nossa era uma casa de judeus ortodoxos, em que se observavam escrupulosamente os jejuns e as festas. Minha mãe acreditava em Deus com todo o coração, mas tinha uma mentalidade aberta, e mais tarde não exerceu sobre nós nenhuma pressão religiosa” (*Mi*, p. 19).

Mentalidade aberta e, conseqüentemente, nenhuma pressão: eis as duas faces de uma única motivação. Mas essa não pode ser uma resposta definitiva, pois permanece sem solução o problema de fundo relativo ao motivo do fracasso, no qual estão envolvidos o ensinamento transmitido, o exemplo vivíssimo e limpíssimo da mãe e a ineficácia de um e de outro. Além disso, quanto ao sentido religioso, se as crises o obscureceram e extinguíram em alguns membros da família, em outros o purificaram e revigoraram, como comprovam sem sombra de dúvida o itinerário espiritual e a *via sacra* tanto de Edith quanto da irmã Rose. E não é de excluir que a obsessão pela verdade, tal como vivida por Edith, tenha tido sua premissa salutar e seu início espontâneo na limpidez da fé materna: a mãe vivia a Verdade; a filha tinha de conquistá-la com esforço.

As duas irmãs mais novas viveram aqueles anos, e depois os da juventude, como duas “gêmeas”. No entanto, Erna tinha um ano e oito meses a mais que Edith e era muito diferente por temperamento e constituição física. Erna era “alta e forte”, enquanto Edith mostrava-se “pequena e delicada”.

O irmão mais velho, que se divertia em encontrar apelidos para cada uma delas, havia atribuído a Edith o de “gatinha”, talvez — explicava depois a interessada — porque “eu sempre sabia manter-me de pé em qualquer luta com os maiores” (*Vida*, p. 69).

Quanto ao temperamento e ao mundo interior, as irmãs mais velhas diziam que Erna era “transparente como água clara”, enquanto Edith era um “livro de sete selos”. O que se deve entender com essa expressão familiar dirigida a uma criança?

Felizmente a própria Edith nos coloca no caminho certo, revelando-nos algo de seu “íntimo” que não revelava a ninguém. Conta, com efeito, que em casa era um pouco teimosa, às vezes obstinada até obter o que desejava, irredutível em não se deixar jamais “pisar” por ninguém, ao passo que a irmã Else, que lhe concedia tanto, empenhava-se em vão para que se tornasse mais dócil e mais disponível. “Isso”, recorda Edith,

era o que habitualmente meus familiares podiam observar em mim, mas no meu íntimo havia um mundo oculto. Tudo o que eu via e ouvia durante o dia era interiormente transformado. A visão de um bêbado podia angustiar-me e perseguir-me dia e noite. [...]

Quando se falava em minha presença de um fato sangrento, eu ficava acordada por horas durante a noite, e o horror pairava sobre mim, rastejando de todos os cantos escuros. Até mesmo uma expressão um pouco rude que minha mãe, zangada, pronunciasse em minha presença fazia-me sofrer a tal ponto que jamais conseguia esquecer a pequena cena [...].

De todas essas coisas, pelas quais sofria secretamente, não falava com ninguém. Nem sequer me ocorria que se pudesse falar disso com outra pessoa. Só raramente eu me traía diante da família: de repente, às vezes sem uma causa identificável, vinha-me a febre, e no delírio dizia o que me atormentava por dentro. Meus irmãos muitas vezes me contaram episódios desse gênero (*Vida*, p. 83).

Essas são “vivências”, para usar um termo fenomenológico, que abrem uma fresta naquele “livro de sete selos” e servem para delinear um aspecto importante da sensibilidade da criança. Mas é apenas um aspecto, parcial. Transformar interiormente o que se vê e se ouve implica uma dinâmica que se resolve, por assim dizer, de modo negativo: o sofrimento secreto e não expresso. Esse aspecto deve ser integrado pelo outro, positivo, por aquilo que brota espontâneo e sereno do íntimo e que adquire maior importância no que diz respeito ao “livro de sete selos”.

Também desta vez é Edith quem vem em nosso auxílio, revelando-nos como, em criança, sonhava com o seu futuro.

Em meus sonhos eu sempre via diante de mim um futuro maravilhoso. Sonhava com fortuna e fama, pois estava convencida de estar destinada a algo grande e de não pertencer ao ambiente limitado e burguês em que havia nascido. Desses sonhos eu falava mais do que das angústias que antes me tinham afligido. Os outros notavam apenas que eu era sonhadora e que muitas vezes sobressaltava-me quando não percebia o que acontecia ao meu redor. Para essa fantasia exuberante foi uma coisa boa que eu tivesse ido cedo à escola e que o espírito vivaz recebesse, assim, um sólido alimento (*Vida*, p. 86).

Edith aludia à sorte de ter ido cedo à escola, mas não foi assim tão simples. Aos seis anos Erna começou a frequentar a escola regularmente, enquanto Edith, para não ficar sem companhia, foi matriculada em um jardim de infância. Ora, para ela isso foi uma grande humilhação: Erna na “escola grande” e ela no jardim de infância! Escreverá depois:

Eu considerava isso muito abaixo da minha dignidade. Todas as manhãs era necessária uma dura batalha para me levar até lá. Eu

era muito grosseira. [...] Meus irmãos se revezavam na desagradável tarefa de acompanhar-me.

Uma vez coube isso a meu irmão mais velho. Ao sairmos de casa notei que estava chovendo. [...] Eu queria voltar para casa, ou então ele devia carregar-me no colo. O bom Paul tomou-me logo nos braços e carregou-me por todo o caminho (*Vida*, p. 86).

E foi assim durante todos aqueles meses: mal-humorada e intratável. Não via a hora de acabar com aquilo, e de tal modo que, ao aproximar-se do sexto aniversário, decidiu “pôr fim à odiada vida no jardim de infância”.

“Declarei que, daquele dia em diante, eu queria absolutamente ir para a ‘escola grande’ e que, como presente de aniversário, queria somente isso; em todo caso, não aceitaria nenhum outro sem antes ter este” (*Vida*, p. 87). A escola “recomeçava” naquele ano exatamente em 12 de outubro, aniversário de Edith: mas recomeçava, não começava. O ordenamento escolar alemão iniciava o ano letivo com o chamado semestre de verão, por volta do fim da primavera, ao qual se seguiam as férias de outono (algumas semanas); depois delas, a escola retomava para o segundo semestre, isto é, até as férias de Natal e depois até a Páscoa. A retomada da escola em 12 de outubro significava que o ano letivo de 1897-1898 já estava transcorrido pela metade e que não havia mais nada a fazer: a pequena Stein se agitava em vão.

Felizmente, porém, a irmã Else havia poucos meses antes prestado o exame de habilitação para o magistério e fora uma “excelente aluna” da Viktoriaschule; por isso insistiu tanto que conseguiu convencer o diretor a aceitar a irmã mais nova ao menos “em caráter experimental”, tornando-se, porém, a fiadora de que ela daria conta.

Em poucas semanas Edith se encontrou perfeitamente à vontade. “No início”, recordaria depois, “foi realmente difícil começar a escrever com pena de ganso e tinta e ler palavras inteiras sem ter feito

antes exercícios, mas na Páscoa fui promovida com os outros e, daí em diante, ocupei sempre um dos primeiros lugares” (*Vida*, p. 88).

Começava a tomar forma a sua sede de saber, mas ainda não a de verdade. Se antes estavam em jogo sobretudo a memória e o espírito fortuito da sabichona, doravante será particularmente a inteligência a alimentar a memória e a ser por ela favorecida. Se antes eram as leituras feitas por outros a atrair sua atenção e a suscitar seu interesse, a partir de então poderia utilizar instrumentos próprios e iniciar novas explorações no campo do saber, procurando antes de tudo compreender.

Tinha cinco anos quando a irmã Frieda lia na escola *Maria Stuart* e depois foi ao teatro com a mãe para assistir à representação. Edith se sentira muito impressionada com o que havia apreendido da história nos relatos e na leitura da irmã e ficara interiormente atormentada. “Recordo”, escreve, “quão duradoura foi essa impressão. Quando, no ano seguinte, comecei a ir à escola, assim que fui capaz de ler algo impresso, procurei o volume entre as obras de Schiller na biblioteca da família e fui com o livro à cozinha perguntar à minha mãe se podia ler-lhe a *Maria Stuart*. ‘Leia’, disse-me ela em tom muito sério...” (*Vida*, p. 84).

Sede de saber e, antes de tudo, de compreender; inteligência e cultura. Iam-se delineando pouco a pouco alguns componentes mentais e espirituais que não seriam mais desmentidos e que marcariam não poucos traços da aventura humana de Edith.